

# ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 18 • 2010/2011



Editor Científico: João Luís Cardoso

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS  
2010/2011

**Estudos Arqueológicos de Oeiras** é uma revista de periodicidade anual, publicada em continuidade desde 1991, que privilegia, exceptuando números temáticos de abrangência nacional e internacional, a publicação de estudos de arqueologia da Estremadura em geral e do concelho de Oeiras em particular.

Possui um Conselho Assessor do Editor Científico, assim constituído:

- Dr. Luís Raposo (Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa)
- Professor Doutor João Zilhão (Universidade de Barcelona e ICREA)
- Professor Doutor Jean Guilaine (Collège de France, Paris)
- Professor Doutor Martín Almagro Gorbea (Universidade Complutense de Madrid)
- Professor Doutor Jorge de Alarcão (Universidade de Coimbra)

## ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 18 • 2010/2011      ISSN: 0872-6086

EDITOR CIENTÍFICO - João Luís Cardoso  
DESENHO E FOTOGRAFIA - Autores ou fontes assinaladas  
PRODUÇÃO - Gabinete de Comunicação / CMO  
CORRESPONDÊNCIA - Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras  
Fábrica da Pólvora de Barcarena  
Estrada das Fontainhas  
2745-615 BARCARENA

Os artigos publicados são da exclusiva responsabilidade dos Autores.

Aceita-se permuta  
*On prie l'échange*  
*Exchange wanted*  
*Tauschverkehr erwünscht*

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS - João Luís Cardoso, Maria da Conceição André e Autores

PAGINAÇÃO, IMPRESSÃO E ACABAMENTO - Europress, Lda. - Tel. 218444340

DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

## REVENDO OS ARTEFACTOS LASCADOS DA ANTA DE PEDRAS DA GRANJA (SINTRA).

Rui Boaventura\* & João Luís Cardoso\*\*

### 1 - INTRODUÇÃO

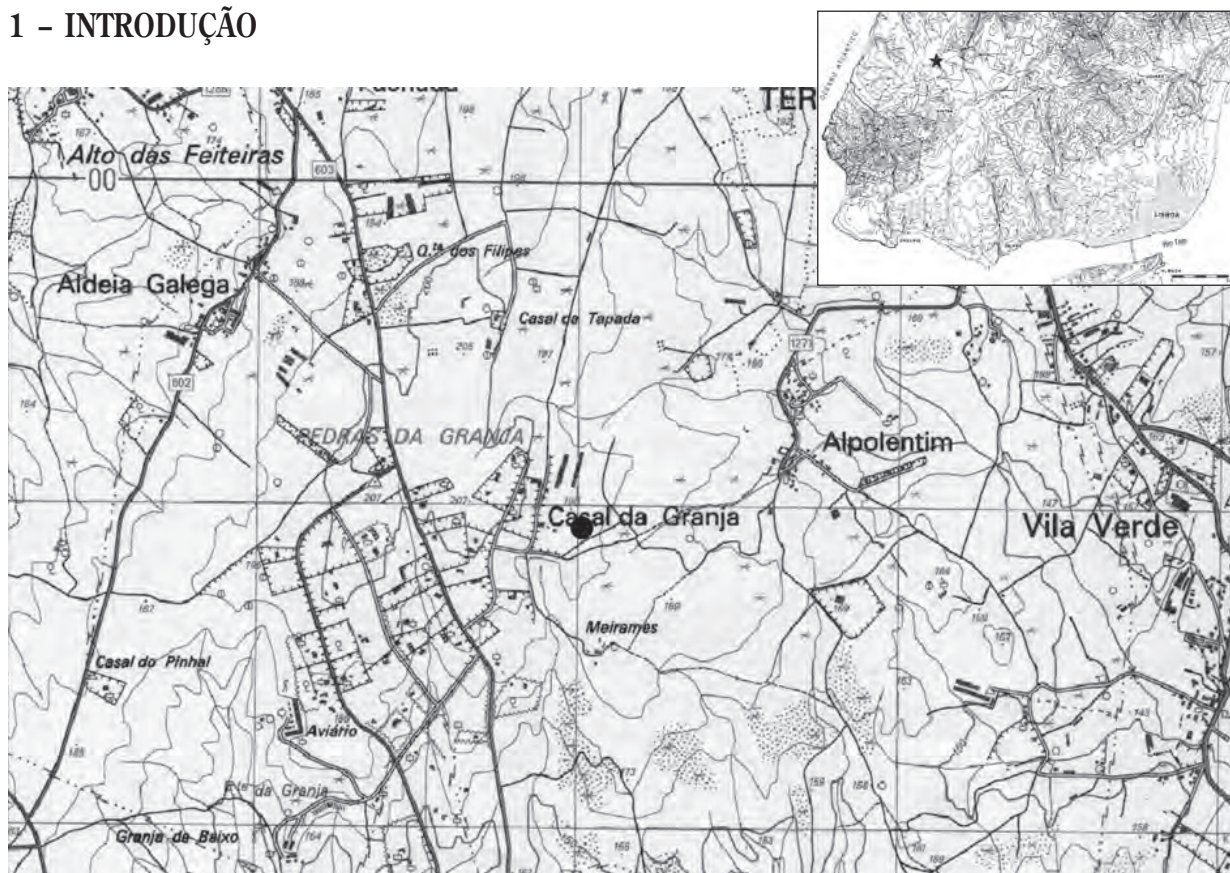


Fig. 1 - Anta das Pedras da Granja. Localização na Carta Militar de Portugal (CMP 416, 1992) e na Baixa Estremadura.

A anta de Pedras da Granja (Código Nacional de Sítio - 91) (Fig. 1), também conhecida por Pedras Altas (ZBYSZEWSKI *et al.*, 1977), Pedra Erguida, Pedras Brancas ou de Meirames (SERRÃO, 1982-83), e Várzea (CUNHA

\* Arqueólogo do Município de Odivelas. Investigador da UNIARQ - Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa; PortAnta, Associação de Arqueologia Ibérica. boaventura.rui@gmail.com

\*\* Professor catedrático da Universidade Aberta. Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras).

& SILVA, 2000), teve a sua primeira notícia em 1958, apresentada por Octávio da Veiga Ferreira ao 1.º Congresso Nacional de Arqueologia, listando-a entre os monumentos megalíticos de Lisboa (FERREIRA, 1959).

Após a publicação da escavação do sepulcro (ZBYSZEWSKI *et al.*, 1977), Eduardo Cunha Serrão (Serrão, 1982-83), reclamou a primazia da identificação e registo da anta no final da Primavera de 1950, juntamente com Eduardo Prescott Vicente e A. Ricardo Belo, de que teriam produzido alguns apontamentos, que no entanto só foram publicados após o estudo de Zbyszewski e colaboradores. Contudo, importa clarificar que a designação de Pedras Brancas terá resultado de confusão de E. da Cunha Serrão, pois atribuiu-a ao artigo de G. Zbyszewski e colaboradores (1977), o que não acontece. Talvez o lapso tenha resultado da publicação do dólmen da Pedra Branca (Melides), então realizada pelos mesmos autores (Ferreira *et al.*, 1975).

Na última década, um de nós (R. B.) procedeu à revisão do espólio da anta de Pedras da Granja, depositado em 1986 por Manuel Leitão e em 1999 por outro de nós (J. L. C.) no Museu Arqueológico Municipal de São Miguel de Odrinhas (MASMO). Foi assim possível o estudo de alguns dos elementos lascados (BOAVENTURA, 2009), verificando-se, contudo, a ausência dos produtos alongados listados na publicação de G. Zbyszewski e colaboradores (1977). Recentemente, essas peças foram identificadas entre o espólio ainda conservado na posse da Família de O. da Veiga Ferreira, o que possibilitou, pela primeira vez, um estudo integrado da totalidade da utensilagem de pedra lascada, apenas inventariada na publicação original. É esse o objectivo deste contributo, onde também se apresenta, pela primeira vez, com base na informação disponível, a respectiva localização em planta, bem como a comparação dos resultados obtidos com os respeitantes a outros sepulcros congéneres do arredores de Lisboa. Prevê-se que o depósito do conjunto ora publicado, em poder de um de nós (J.L.C.), seja realizado no MASMO, juntando-se assim ao espólio já ali existente, em memória de O. da Veiga Ferreira.

## 2 - TRABALHOS REALIZADOS

A primeira intervenção arqueológica da anta de Pedras da Granja terá sido realizada por E. da Cunha Serrão e colaboradores, em 1950, tendo apenas desenvolvido “*um singelo projecto de escavação do dolmen*”, que se iniciou “*pela abertura de duas pequenas trincheiras perpendiculares às faces internas dos esteios*” (SERRÃO, 1982-83, p. 23 e Fig. 7), podendo corresponder-lhe a depressão com paredes rectas assinalada, na secção “CC”, pelos escavadores posteriores (ZBYSZEWSKI *et al.*, 1977, Fig. 3). Nessa primeira intervenção, que não ultrapassou a camada superficial do interior do monumento, apenas se recolheram “*alguns pequenos e inexpressivos fragmentos de quartzo hialino*” (SERRÃO, 1982-83, p. 23). Referia-se ainda a possível relação entre aglomerados de pedras, num arco de círculo a cerca de 25 m dos ortóstatos do sepulcro, como eventuais resquícios de mamoa (SERRÃO, 1982-83, p. 23 e Fig. 8), algo que os investigadores posteriores não valorizaram, não se percebendo se devido à inexistência de tal realidade, por não a terem detectado, ou por tal singularidade ter entretanto desaparecido. Nas várias visitas realizadas ao local não foi possível confirmar tal estrutura, o que em parte poderá dever-se ao coberto vegetal actual ou à degradação acentuada da anta e da sua envolvente.

A escavação arqueológica sistemática da anta concretizou-se apenas em 1973, com os elementos da equipa dos Serviços Geológicos de Portugal e seus colaboradores (ZBYSZEWSKI *et al.*, 1977), que desenvolveram os trabalhos durante vários meses, totalizando cerca de 25 dias de trabalho de campo, não consecutivos.

No início da década de 90, o monumento foi alvo de destruição na sequência de um loteamento da área (informação pessoal de Teresa Simões, arqueóloga da Câmara Municipal de Sintra), sendo hoje visível, entre o mato que o cobre, um monte de escombros encostado ao esteio do lado sul (A), aparentemente, ainda *in situ*, mas quebrado. É de lamentar a ineficácia da autarquia em preservar o rico património arqueológico concelhio, eviden-

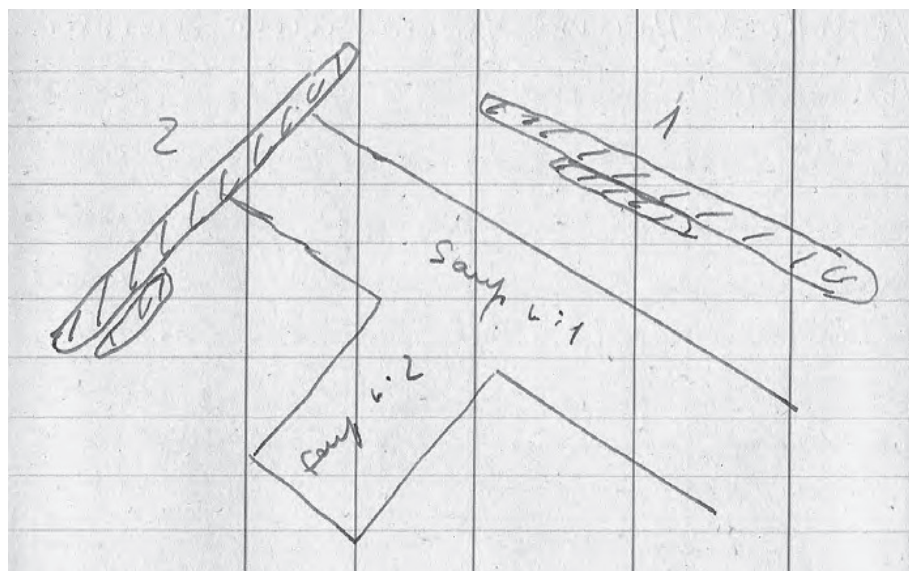
ciando negligência nesta triste mas evitável ocorrência. A necessária e importante re-escavação do sepulcro para avaliação concreta dos danos causados não foi ainda realizada.

O sepulcro foi implantado numa área aberta e suave, sem relevos abruptos, em calcários do Cretácico – Cenomaniano médio e inferior, com calcários e margas (Belasiano) (ZBYSZEWSKI *et al.*, 1977; SGP, 1991; RAMALHO *et al.*, 1993), aproveitando as diáclases incipientes, resultantes do processo cársico, como alvéolos dos esteios (Fig. 6 e 8). De acordo com os autores da escavação, os ortóstatos eram de calcário local e de arenitos calcários. Presume-se que este último tipo de rocha terá sido obtido a maior distância, pois segundo a Carta Geológica de Portugal, na escala 1: 50.000 (SGP, 1991), apenas a cerca de 1 km para este-nordeste da anta, em Alpolentim, existe uma mancha deste tipo petrográfico, podendo ser o este o seu local de proveniência.

À data da identificação, o sepulcro tinha apenas visível um par de duas grandes lajes (A e E), ligeiramente inclinadas, integradas num muro de pedra seca, que corria e separava o caminho rural de uma propriedade. No seio da intervenção veio a verificar-se a existência de mais alguns elementos pétreos, ainda *in situ*, demarcando o recinto da câmara, soterrados sob o caminho. Como já foi referido atrás, não consta no trabalho publicado qualquer menção à existência de *tumulus*.

Os escavadores desenvolveram a intervenção com uma primeira vala de sondagem (“*tranchée de reconnaissance*”) com cerca de 3 metros por 0,90 m de largura, implantada paralelamente ao esteio a sudeste (A) e a cerca de 0,25 m deste (Fig. 2). A partir dos bordos dessa sondagem estabeleceram quadrícula, segundo a planta apresentada (ZBYSZEWSKI *et al.*, 1977, Fig. 1), segmentada de meio em meio metro, através de sistema de referência alfanumérico: SE-NW, numérico; NE-SW, alfabético. Por sua vez, cada quadrícula foi dividida em quadrantes numerados, de 1 a 4, a partir do canto inferior direito. Segundo estas informações presume-se que a vala de sondagem compreendeu inicialmente a área correspondente às quadrículas C3-C4, D3-D4, E3-E4, F3-F4, G3-G4 e H3-H4 (Fig. 3-4).

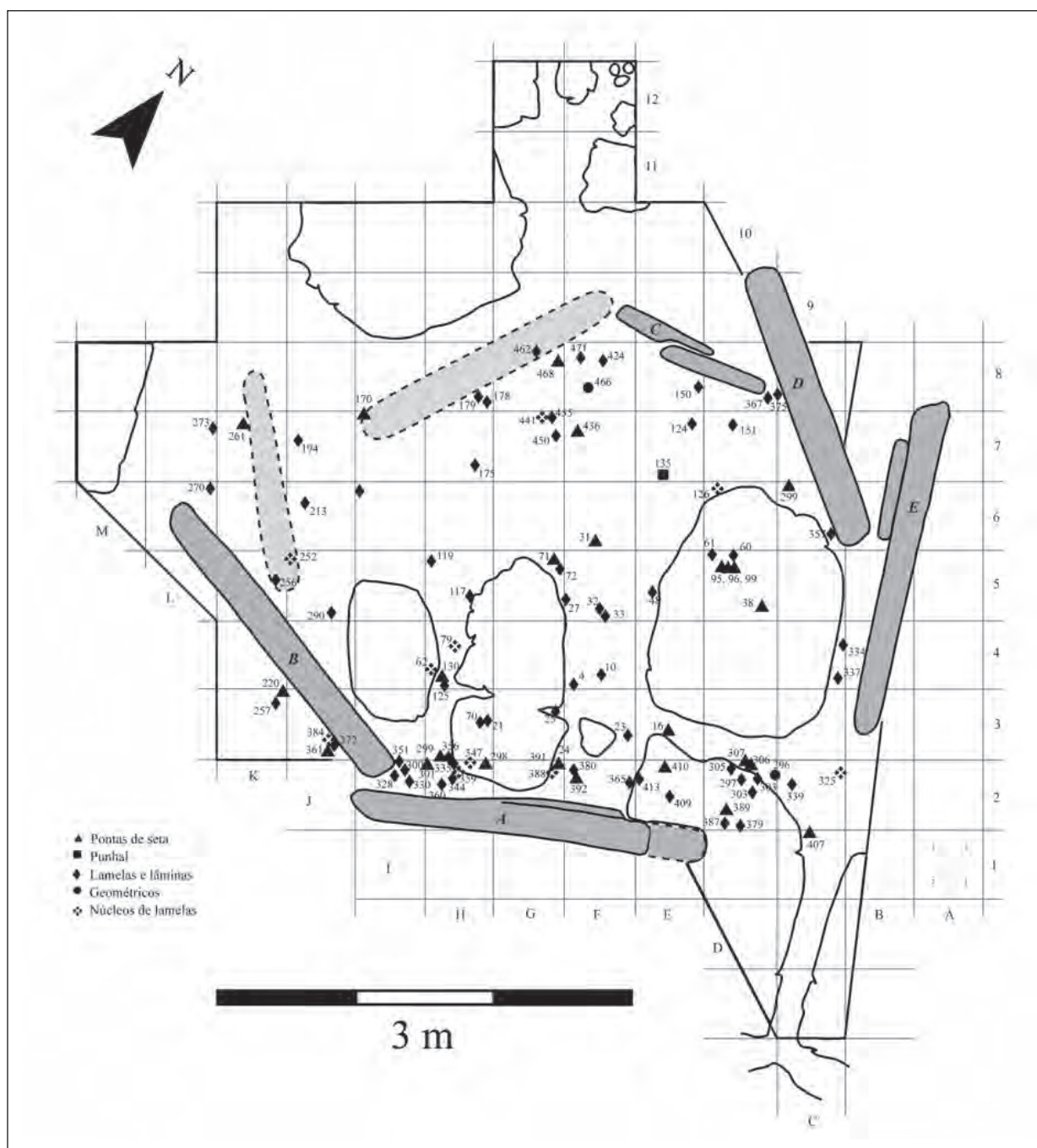
A escavação iniciou-se com a decapagem de terra arenosa superficial, onde se recolheu, por exemplo, um fragmento de ídolo-placa em G4/2, mas a cerca de 0,13 m, aquela camada mudava de cor para castanho-amarelada, e apresentava uma textura mais argilosa. Segundos os escavadores, aquele estrato revelou-se estéril até à profun-



**Fig. 2** – Anta das Pedras da Granja. Apontamento de O. da Veiga Ferreira, reproduzido do seu caderno de campo. Observa-se a representação das sanjas 1 e 2, entre os esteios inicialmente visíveis nº 2 e 1, respectivamente E e A, neste trabalho (Arquivo O. da Veiga Ferreira).



Fig. 3 – Anta das Pedras da Granja. Planta geral com localização dos espólios recolhidos (adaptada de ZBYSZEWSKI *et al.*, 1977).



**Fig. 4** – Anta das Pedras da Granja. Planta geral com localização dos artefactos líticos lascados (adaptada de ZBYSZEWSKI *et al.*, 1977).

didade de 0,33-0,35 m, a partir da qual se encontrava o espólio arqueológico, por sua vez assente no substrato rochoso, sobretudo nas diáclases do afloramento calcário, que atingia cerca de 1,10 m (Fig. 3-4).

A intervenção foi aprofundada até ao substrato rochoso, nalguns pontos pela diáclase adentro, alargando-se depois à restante área do sepulcro (ZBYSZEWSKI *et al.*, 1977, Fig. 15).

### 3 – RESULTADOS OBTIDOS

#### 3.1 – *Arquitectura do monumento*

O sepulcro apresentava ainda *in situ* os dois esteios *A* e *E*, quase completos, ambos com cerca de 2,6 metros de altura, bem como outros três, *B*, *C* e *D*, fracturados quase pela base (Fig. 5-8). No local onde se implantaria o esteio de cabeceira, não se localizou qualquer elemento pétreo digno dessa classificação, mas apenas várias lascas de calcário (Fig. 3-4), provavelmente correspondentes às pedras de calço do esteio fixado no correspondente alvéolo (ZBYSZEWSKI *et al.*, 1977, p. 211 e Fig. 1). Seguindo o mesmo critério, é possível admitir a presença de outro esteio do lado oeste da cabeceira, local com uma concentração alongada e inusitada de achados num espaço sem muitas pedras, assemelhando-se ao preenchimento resultante do arranque de uma laje (Fig. 3-4).

Apesar de se ter escavado parcialmente a área a sudeste dos esteios *A* e *E*, a interpretação proposta, de um corredor com muretes em pedra seca, não se afigura convincente, não só porque tais “vestígios” se encontravam quase à superfície, mas também porque coincidem com muro de propriedade. Por outro lado, os achados recolhidos, sobretudo na diáclase, rareavam para além da área de entrada da câmara. Tal situação é contrária à hipótese de existir um corredor desenvolvido, dado que, nesse caso, deveriam ocorrer mais além, como se verificou noutros sepulcros megalíticos da região (BOAVENTURA, 2009). Assim, conclui-se que a ausência de indícios concretos do corredor, significa que este, ou não existia, ou foi completamente obliterado no troço imediato, em data anterior à sua escavação. Talvez a reescavação da zona periférica do monumento possa contribuir para a clarificação desta questão. Ainda por influência do referido muro de propriedade, foram ainda registadas várias lajetas horizontais na camada superficial da câmara, que foram interpretadas como restos de uma falsa cúpula, o que, pelos dados hoje disponíveis, se julga ser pouco verosímil.

A planta trapezoidal, proposta pelos autores, parece, pois, basear-se numa leitura limitada aos esteios sobreviventes e ao seu imbricamento.

Contudo, face aos dados disponíveis e à leitura proposta acima, julga-se possível inferir um sepulcro com uma câmara poligonal de sete esteios, com cerca de 4,40 m de largura por 4 m de comprimento, aparentemente desprovida de corredor, desconhecendo-se o tipo de cobertura utilizada, ainda que se possa presumir ter sido uma grande laje, como é usual nas antas dos arredores de Lisboa.

#### 3.2 – *Deposições humanas*

O registo efectuado para os materiais recolhidos permite verificar genericamente o seu posicionamento (Fig. 3), mas com algumas limitações: a localização espacial dos achados foi apresentada em três planos estabelecidos *a posteriori*, sabendo-se a altimetria apenas de algumas peças, sobretudo restos humanos. Por outro lado, as altimetrias anotadas foram essencialmente efectuadas na primeira quinzena de trabalhos, notando-se um registo mais vago na segunda fase destes.

O espólio desta anta terá sofrido ao longo do tempo, antes da intervenção arqueológica, remobilização mais ou menos severa, em parte devido ao arranque dos esteios ausentes. Por exemplo, os fragmentos dos vasos campaniformes MASMO-PG/NC/99/23 (ZBYSZEWSKI *et al.*, 1977, invent. n.º 92, 193 e 444 e Fig. 9, n.º 4) e MASMO-PG/NC/99/27 (ZBYSZEWSKI *et al.*, 1977, invent. n.º 56, 58, 122 e 224 e Fig. 9, n.º 3), encontravam-se dispersos, pela câmara, sobretudo na área mais perturbada, a oeste-noroeste (Fig. 3). Aproximadamente, na mesma área, recolheram-se vários fragmentos de recipientes cerâmicos das Idades do Bronze e do Ferro, nomeadamente, deste último período, um vaso negro com brunido bem marcado, também este quebrado e disperso (MASMO-PG/





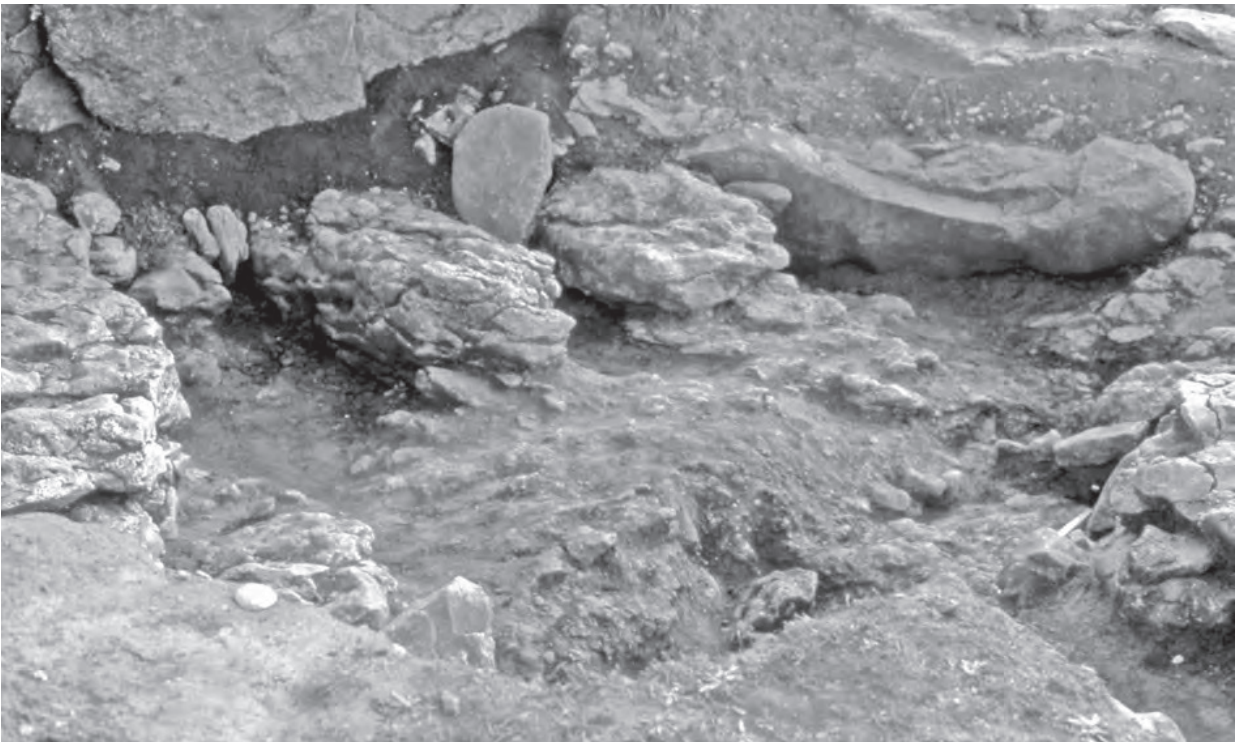
**Fig. 5** – Anta das Pedras da Granja. Vista de sul para os esteios *D* (quebrado), *E* e *A*, notando-se o afloramento em primeiro plano (Arquivo de O. da Veiga Ferreira).



**Fig. 6** – Anta das Pedras da Granja. Pormenor do esteio *E* (lado esquerdo), aproveitando a diáclase como alvéolo de implantação (Arquivo de O. da Veiga Ferreira).



**Fig. 7** – Anta das Pedras da Granja. Pormenor do que resta do esteio C, ao qual se encostava o esteio D (Arquivo de O. da Veiga Ferreira).



**Fig. 8** – Anta das Pedras da Granja. Vista de norte para os esteios A e B observando-se o afloramento dentro da área da câmara (Arquivo de O. da Veiga Ferreira).

NC/99/20; (ZBYSZEWSKI *et al.*, 1977, invent. n.º 93, 218B, 434 e 459 e Fig. 10, n.º 23). Nas diáclases, sobretudo as menos afectadas na parte este-sudeste da câmara, surgiram alguns dos elementos mais antigos e mais intactos, particularmente taças quase completas (PG/NC/99/03 e PG/NC/99/04; ZBYSZEWSKI *et al.*, 1977, Fig. 9, n.º 7 e Fig. 10, n.º 31), instrumentos em pedra polida e um ídolo de calcário. Contudo, não é possível associar *a posteriori* todos os artefactos a uma posição definida, a que acresce o facto de se desconhecer o grau de influência dos processos tafonómicos envolvidos.

A localização de “*restes humains*”, “*os humains concentrés*” e “*inhumations*”, designadas de H1 a H48, significando H, *Homo sapiens sapiens*, teve algum destaque no relatório produzido. Nas primeiras semanas havia maior detalhe na sua descrição, chegando a identificar-se o tipo de osso recolhido. Posteriormente, passaram a ser designadas genericamente por “inumações”. Contudo, as prováveis 48 deposições (Fig. 3) deverão ser consideradas apenas meras concentrações de restos humanos, por vezes isoladas de forma artificial, em parte por causa da metodologia de escavação. No entanto, é possível admitir que H10 e H11, juntos, pudessem corresponder a uma inumação com provável conexão anatómica, embora o registo destes restos tenha sido insuficiente, desconhecendo-se o seu paradeiro concreto.

O estudo antropológico produzido por Eugénia Cunha e Ana Maria Silva (CUNHA & SILVA, 2000) acerca de um conjunto osteológico atribuído à anta da Várzea, isto é, Pedras da Granja (algumas ainda marcadas com a denominação de “inumação”, por exemplo H45, e com um novo código, V1, V2, etc.) reforça a ideia do número excessivo de indivíduos presumido. Talvez porque o espólio estudado aparente estar truncado – resume-se sobretudo a fragmentos de maxilares, mandíbulas e dentes, infelizmente com a maioria das designações originais sumidas e substituídas pela marcação “V” – não foi possível, por exemplo, identificar os conjuntos H10 ou H11, com ossos longos associados. Apesar disso, com uma amostra significativa de peças crânio-faciais, registou-se a presença de indivíduos de várias idades, não ultrapassando dezasseis o número mínimo de indivíduos (CUNHA & SILVA, 2000).

No Verão de 2008, foram localizados nos fundos do Museu Geológico do LNEG, ainda que sob a denominação equivocada (S. Caetano, MG-390), um conjunto de quatro “deposições” da “Várzea”, H9, H19, H26 e H47, ainda com os ossos agrupados em sacos separados, tal como, presume-se, exumados originalmente. Será pois, uma oportunidade, no futuro, para verificar a possibilidade de corresponderem a deposições específicas.

### 3.3 – Estratigrafia

Os autores da escavação do monumento apontavam a existência de três níveis arqueológicos, ilustrando essa sequência com a distribuição de achados (Zbyszewski *et al.*, 1977, p. 224, Fig. 3, 6, 7 e 8):

- um nível superior, com campaniforme;
- um nível médio, que continha ainda campaniforme, mas confundia-se com o nível inferior, devido à utilização das bancadas e das diáclases;
- um nível da base, com o depósito de corpos mais ou menos *in situ*.



**Fig. 9** – Anta das Pedras da Granja. Punhal, presentemente extraviado (Arquivo de O. V. Ferreira).

Contudo, é assinalada a possibilidade de alguns enterramentos intrusivos, nomeadamente H24 (ZBYSZEWESKI *et al.*, 1977, p. 206), mas também, duas bolsas, onde indicavam as “inumações” H18, H25 e H31 (ZBYSZEWSKI *et al.*, 1977, Fig. 3), curiosamente não coincidindo, genericamente, com as áreas de proveniência das peças cerâmicas de períodos mais recentes. No entanto, o faseamento proposto nem sempre é confirmado pela distribuição do espólio pré-histórico, quando analisado em detalhe, sempre que tal foi possível (BOAVENTURA, 2009).

### 3.4 – Caracterização geral do espólio exumado

Como se referiu, actualmente apenas se conhece o paradeiro de uma parte do rico espólio exumado e listado desta anta.

Face ao registo de outros sepulcros, os instrumentos de pedra polida nesta anta são relativamente abundantes, totalizando 4 machados em anfibolito, com secções poligonais, 2 enxós em xisto anfibólico, com secções achatadas e uma goiva em anfibolito com secção poligonal (BOAVENTURA, 2009). Além destas peças listam-se ainda mais dois fragmentos de enxós (ZBYSZEWSKI *et al.*, 1977, invent. n.º 187 e 371), cujo paradeiro se desconhece.

Os artefactos votivos recolhidos nesta anta limitaram-se a um ídolo plano-convexo afuselado, em calcário, sem gravação evidente (MASMO-PG/NC/86/59) e a uma placa de xisto completa (MASMO-PG/NC/86/50), e fragmentos de outras, hoje extraviados. Se as placas surgem normalmente em quantidade reduzida, a raridade dos objectos de calcário resulta surpreendente, quando comparada com a sua presença em sepulcros coevos, onde surgem geralmente em maior número.

Os elementos de osso polido resumem-se a 2 furadores (MASMO-PG/NC/86/54 e 55), três fragmentos de haste de alfinete de cabelo e alguns fragmentos de ossos com sinais de polimento, sem possibilidade de identificação do artefacto. Além destes, há um pedaço de uma peça que poderá corresponder a um possível pente votivo (MASMO-PG/NC/86/58) e um botão “*en os ou en ivoire (...) en forme de carapace de tortue*” e perfuração em “V” (ZBYSZEWSKI *et al.*, 1977, invent. n.º 11 e est. II: 19), de que actualmente se desconhece o paradeiro.

Além dos possíveis elementos de adorno de osso, recolheram-se ainda cerca de 133 contas discoidais de xisto, e duas outras de concha e de osso (ZBYSZEWSKI *et al.*, 1977). Além daquelas, há ainda contas de pedra verde que se encontram depositadas no Museu, correspondendo às listadas pelos escavadores, apresentando formatos cilíndricos, alguns ligeiramente bombeados, excepto uma de formato discoidal, não localizada. Há também uma conta bitroncocónica (MASMO-PG/NC/86/49) em material negro, classificada pelos autores como provável azeviche.

Não há qualquer menção a elementos metálicos recolhidos nesta anta.

Os recipientes cerâmicos recolhidos são abundantes e apresentavam, aparentemente, fragmentos facilmente reconstituíveis, para além dos cerca de 158 fragmentos mencionados sem caracterização específica. Apenas uma pequena parte consta hoje do acervo conhecido, pelo que se torna impossível verificar a validade das classificações efectuadas pelos autores da escavação, nomeadamente o conjunto de cerâmicas atribuídas à Idade do Bronze (ZBYSZEWSKI *et al.*, 1977, Fig. 9, n.º 18-19 e Fig. 10, n.º 20-24, 43-45 e 47), ainda que a legenda da Fig. 10 remeta os números 25 a 47 para o “*dolménico-almerien*”. Importaria ainda perceber a que correspondem os pequenos recipientes não listados, mas apresentados (ZBYSZEWSKI *et al.*, 1977, Fig. 9, n.º 15-17), que, por se enquadrarem no fundo comum cerâmico de longa duração, poderiam corresponder, ou não, a momento antigo da utilização da anta. No entanto, pela sua tipologia, não destoariam de outros recipientes referidos e integráveis nos momentos de utilização original da anta. Resta ainda anotar a presença, segundo os autores, de um recipiente de época romana, não ilustrado (ZBYSZEWSKI *et al.*, 1977, invent. n.º 368).

Como já foi referido atrás, algumas das peças cerâmicas encontravam-se quase completas, sobretudo as recolhidas nos níveis inferiores, nas diáclases. Estas correspondem sobretudo a pequenas taças de bordo simples e alguns vasos esféricos, perfeitamente enquadráveis no período de utilização original do sepulcro.



Fig. 10 - Anta das Pedras da Granja. Lâmina de sílex n.º 330 (Foto de J. P. Ruas).



Fig. 11 – Anta das Pedras da Granja. Lâmina de jaspe n.º 300 (Foto de J. P. Ruas).

As cerâmicas campaniformes estão representadas pelos fragmentos de, pelo menos, dois vasos de estilo marítimo, e de outro vaso com decoração reticulada em banda, a ponteados, além de uma taça com faixa de triângulos invertidos preenchidos, também obtidos por ponteados. Verifica-se a ausência de estilos campaniformes incisos e mistos.

## 5 – O CONJUNTO LÍTICO LASCADO

No âmbito dos artefactos lascados já anteriormente analisados por um de nós (BOAVENTURA, 2009), registaram-se dez núcleos prismáticos de lamelas (Fig. 12), 8 em quartzo hialino, em três deles notando-se ainda parte das faces do cristal original (MASMO-PG/NC/99/30, 35 e 36), os dois primeiros representados neste trabalho (Fig. 12, n.º 1-2). Os restantes dois núcleos foram obtidos de cristais de quartzo leitoso, notando-se ainda algumas das superfícies originais (MASMO-PG/NC/99/38 e 39), encontrando-se o primeiro representado na Fig. 12, n.º 4.

Os geométricos recolhidos foram apenas dois, de sílex. Um deles (Fig. 12, n.º 6), é claramente trapezoidal (MASMO-PG/NC/86/32), outro (Fig. 12, n.º 7), corresponde a fragmento de crescente (MASMO-PG/NC/86/31); existe ainda uma terceira peça, também de sílex, que apesar de se tratar de uma lasca com formato triangular assimétrico (MASMO-PG/NC/86/33), assemelha-se a um geométrico, aparentemente retocado na ponta (Fig. 12, n.º 9).

As 28 pontas de seta são de sílex (Fig. 12, n.º 10-16 e Fig. 13), com a excepção de uma (Fig. 13, n.º 17), de xisto silicioso acinzentado (MASMO-PG/NC/86/30). A maioria delas apresenta a base convexa, sobretudo triangular, e apenas 6 têm uma base côncava, incluindo a ponta de xisto; uma destas apresenta a sua extremidade distal com as características de uma ponta de seta do tipo mitriforme (Fig. 12, n.º 10; MASMO-PG/NC/86/4).

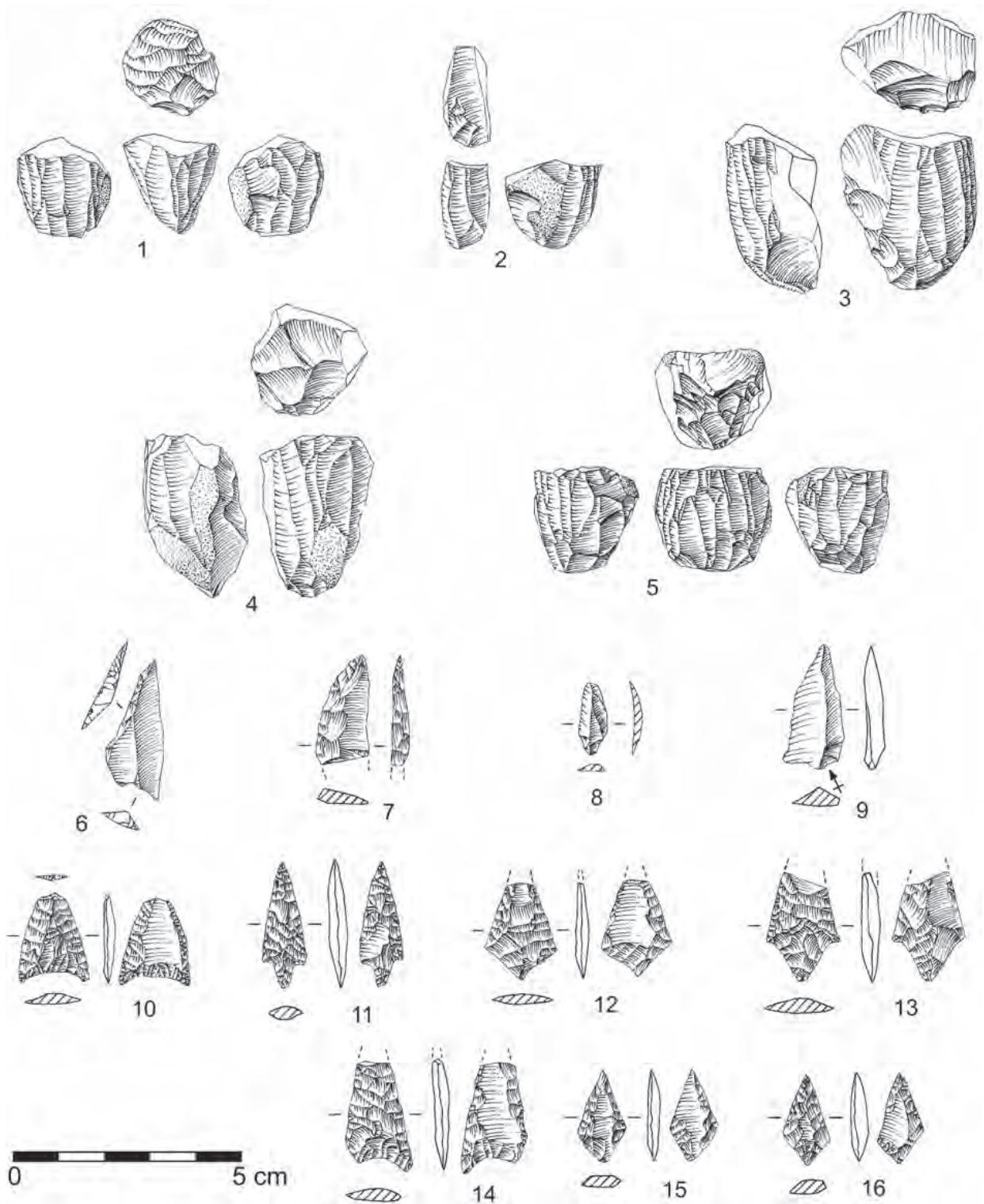
Foi ainda recolhida uma grande ponta bifacial de sílex, um punhal de talhe bifacial, com polimento prévio (ZBYSZEWSKI *et al.*, 1977, Est. III, n.º 53), de que se desconhece o paradeiro, mas do qual se localizou imagem no Arquivo de O. da Veiga Ferreira (Fig. 9).

Das dezenas de raspadores, lascas, algumas retocadas, e restos de talhe, apenas se conservam actualmente 4 lascas de sílex, duas das quais de grande tamanho. Além destas regista-se uma outra lasca com alguns retoques, recolhida por Teresa Simões, na sequência da destruição da anta.

A colecção dos produtos líticos lascados alongados, agora realocizada, vem engrossar o espólio com paradeiro conhecido, constituindo o respectivo estudo, a par do restante espólio lascado já depositado no MASMO, o objectivo principal deste trabalho.

Os produtos alongados (Fig. 10-11, 12, n.º 8 e 14-19), cujo estudo constitui a essência deste contributo, totalizam 61 lâminas, todas de sílex ou de rochas afins, exceptuando uma grande lâmina de jaspe vermelho (PG 300+21) (Fig. 11 e 19, n.º 84). O seu estudo conduziu ao enquadramento cronológico-cultural destes elementos com base nos dados arqueométricos disponíveis para a Estremadura, ainda que limitados a um conjunto restrito de trabalhos, tantos quantos aqueles em que se caracteriza a morfometria dos exemplares (CARDOSO, SOARES & SILVA, 1996; CARDOSO & CARVALHO, 2008; BOAVENTURA, 2009; CARVALHO, 2009; SOUSA, 2010).

Partindo das dimensões e características gerais fornecidas no inventário e agora revistas, confirmou-se no essencial as medidas tomadas anteriormente (ZBYSZEWSKI *et al.*, 1977; BOAVENTURA, 2009), verificando-se que apenas 11 se enquadrariam, com base na sua largura e espessura, no grupo de pequenas lâminas e lamelas, seis das quais retocadas. Assim, as restantes corresponderiam a lâminas espessas e maioritariamente retocadas, algumas ainda com dimensão considerável (ZBYSZEWSKI *et al.*, 1977, Est. III). A fronteira entre lamelas e pequenas lâminas *versus* lâminas, situou-se nos 13mm/14 mm, mantendo a leitura já utilizada noutra local por um de nós (BOAVENTURA, 2009), seguindo a proposta de A. Valera (VALERA, 1997), mas que não se afasta de outros



**Fig. 12** - Anta das Pedras da Granja. Núcleos (1-5); Geométricos (6-7); Lamela (8); Geométrico? (9); Pontas de seta (10-16). Desenhos de F. Martins.



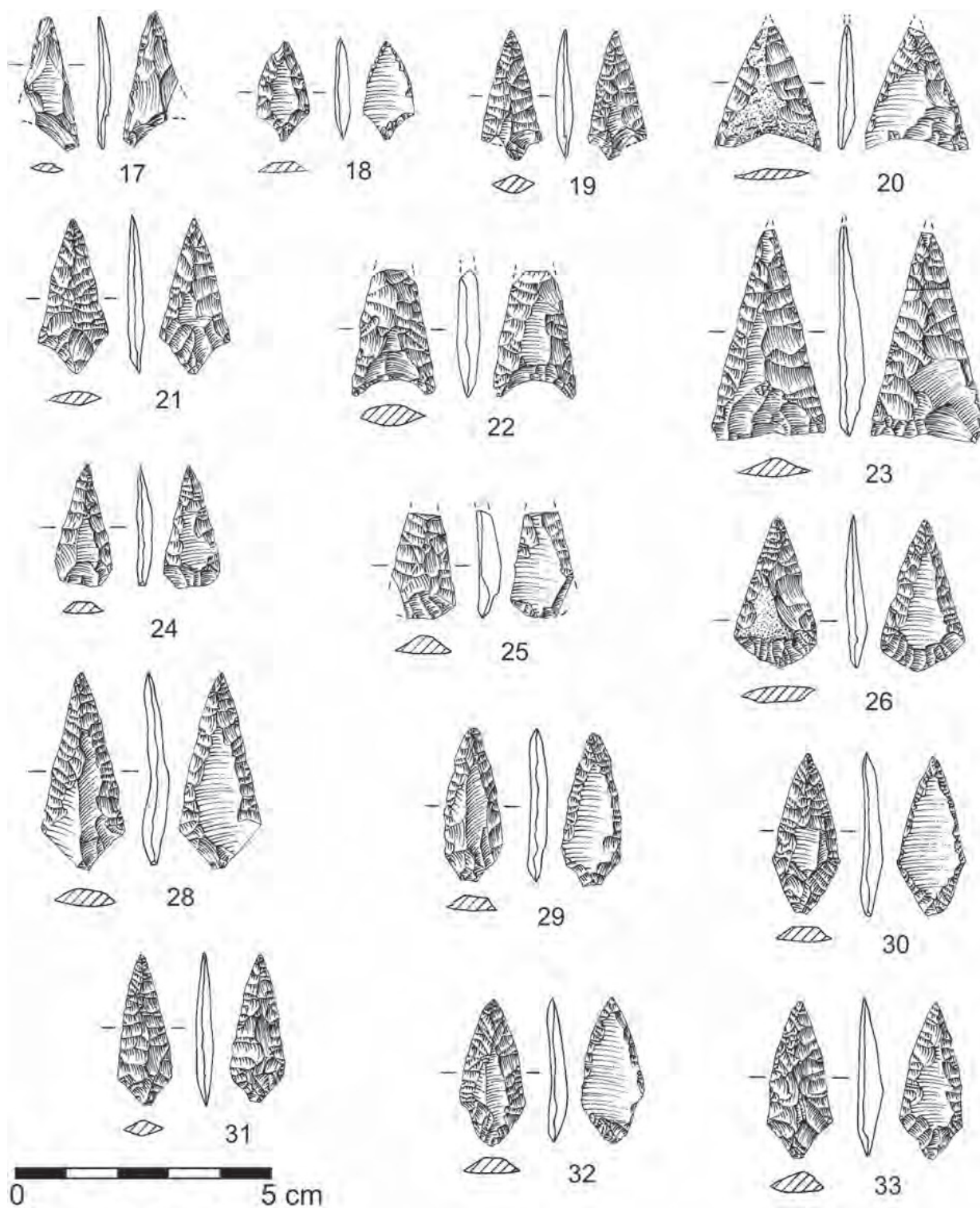


Fig. 13 - Anta das Pedras da Granja. Pontas de seta. Desenhos de F. Martins.

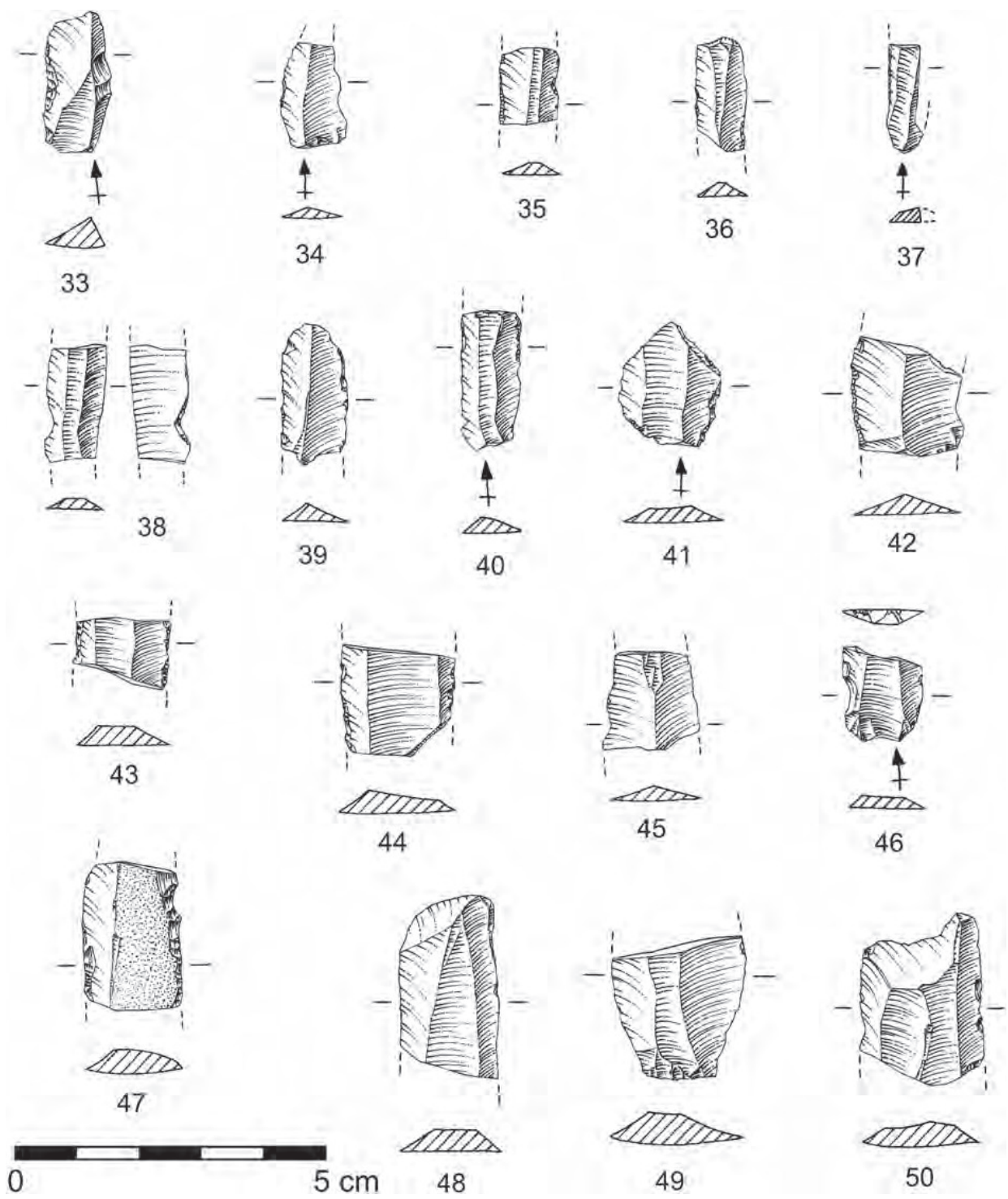


Fig. 14 - Anta das Pedras da Granja. Lâminas. Desenhos de F. Martins.

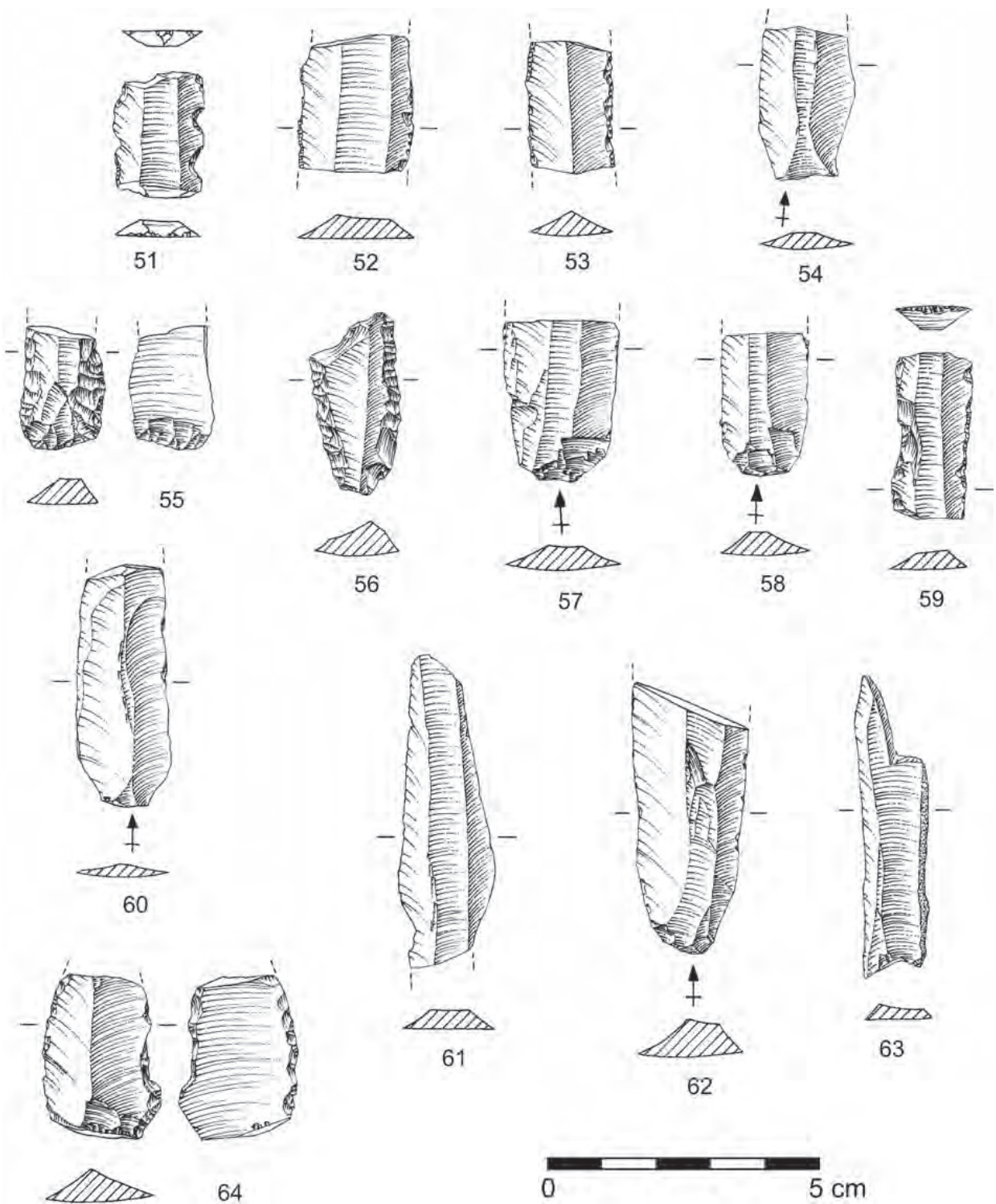


Fig. 15 - Anta das Pedras da Granja. Lâminas. Desenhos de F. Martins.

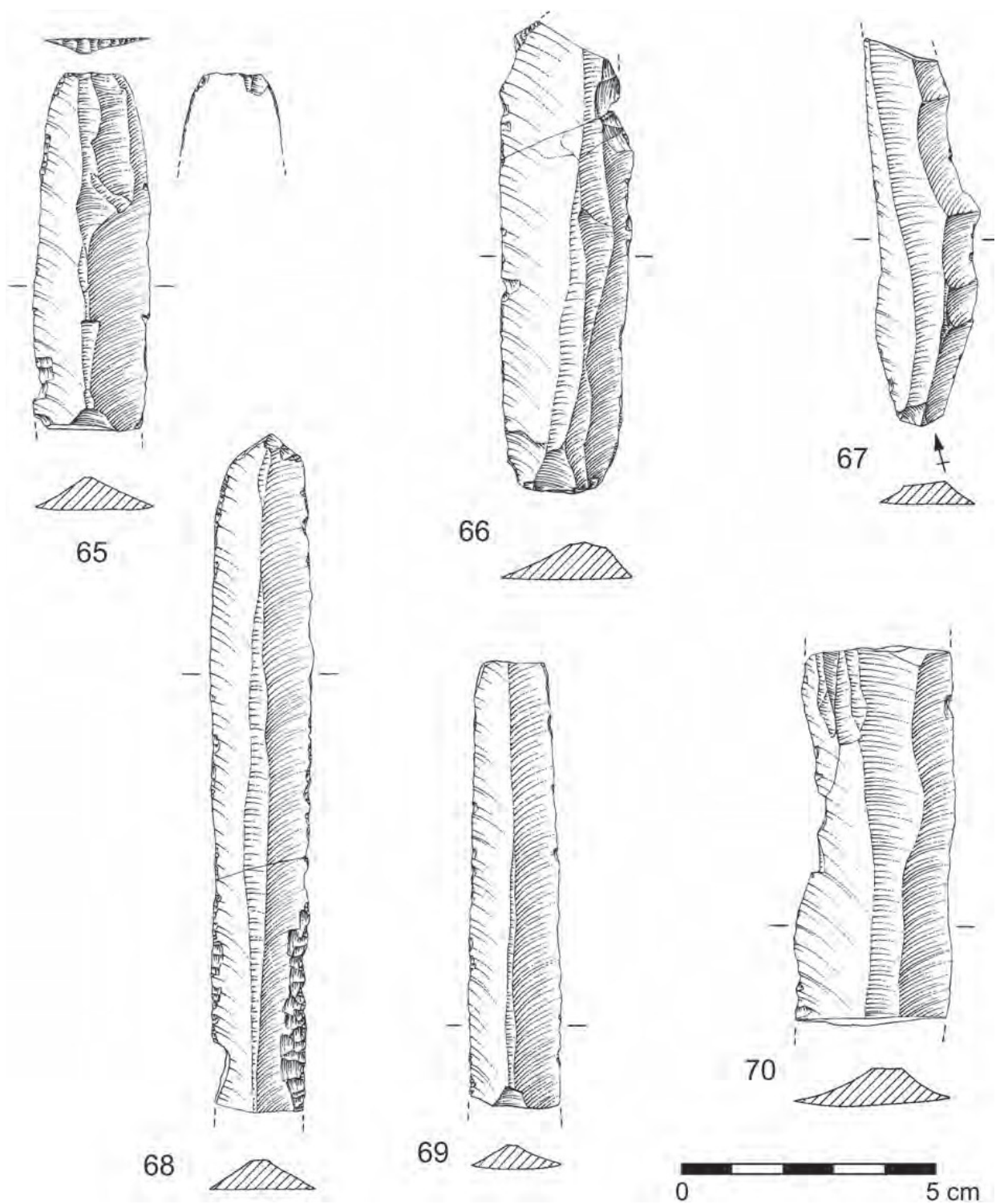


Fig. 16 - Anta das Pedras da Granja. Lâminas. Desenhos de F. Martins.

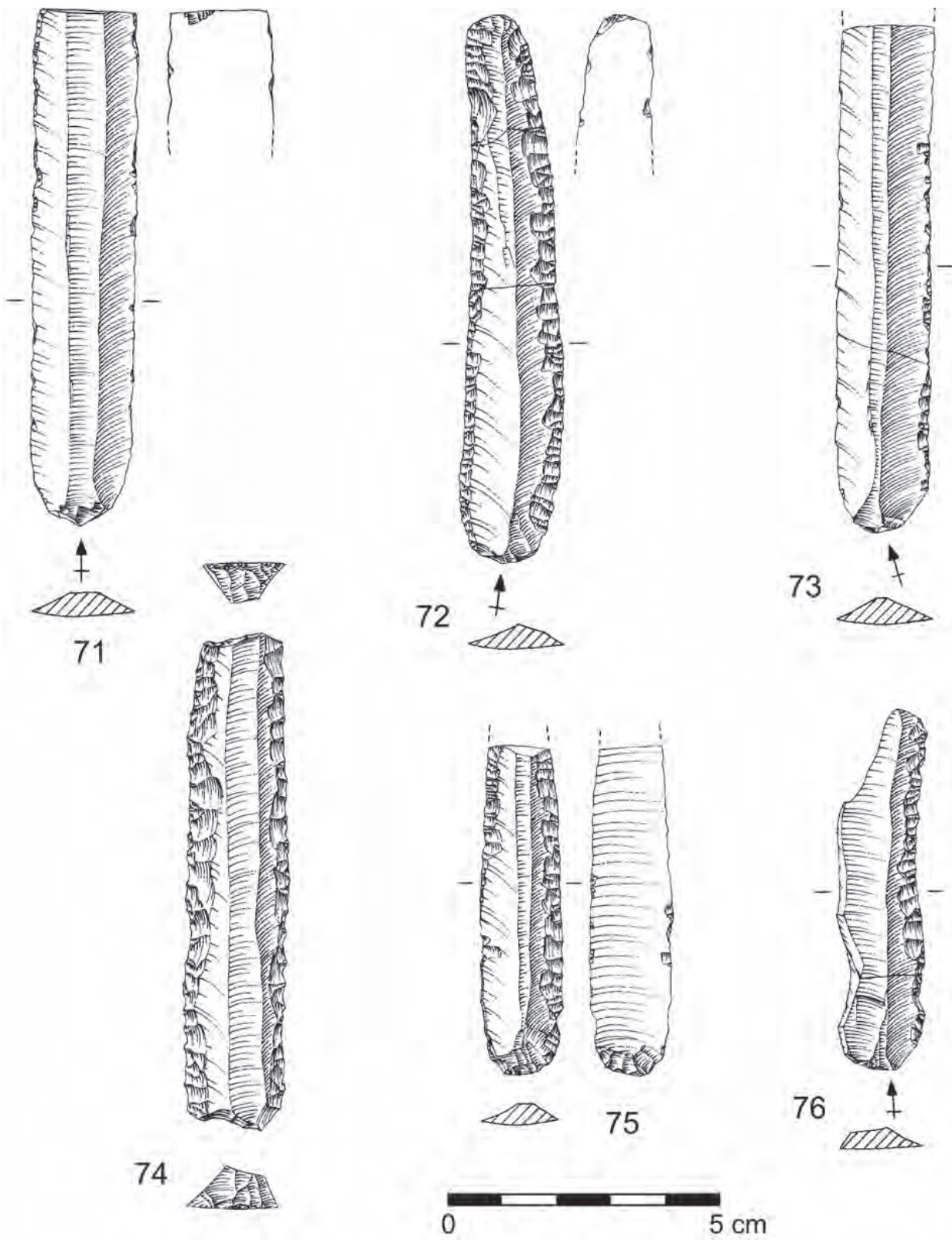


Fig. 17 - Anta das Pedras da Granja. Lâminas. Desenhos de F. Martins.

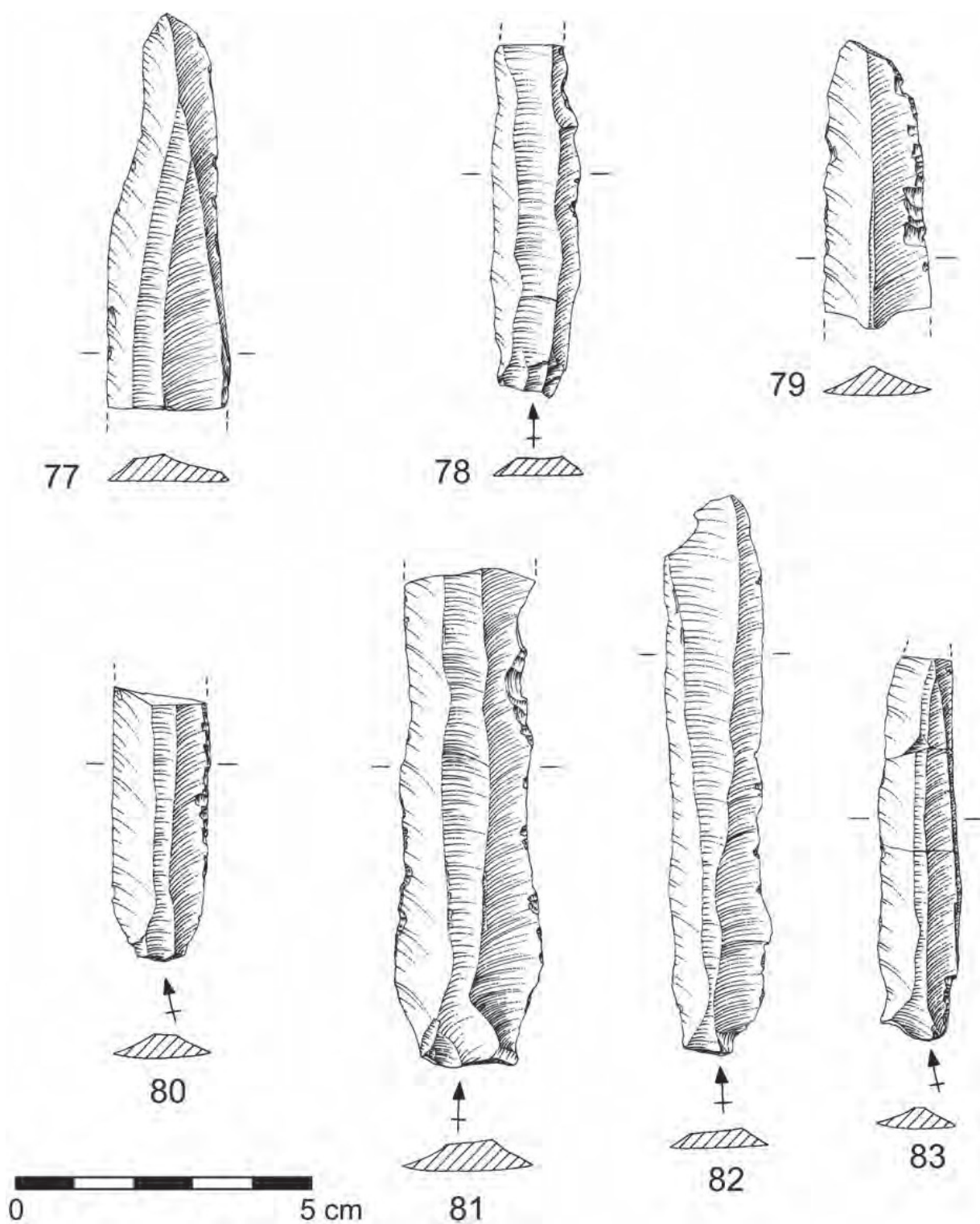


Fig. 18 - Anta das Pedras da Granja. Lâminas. Desenhos de F. Martins.

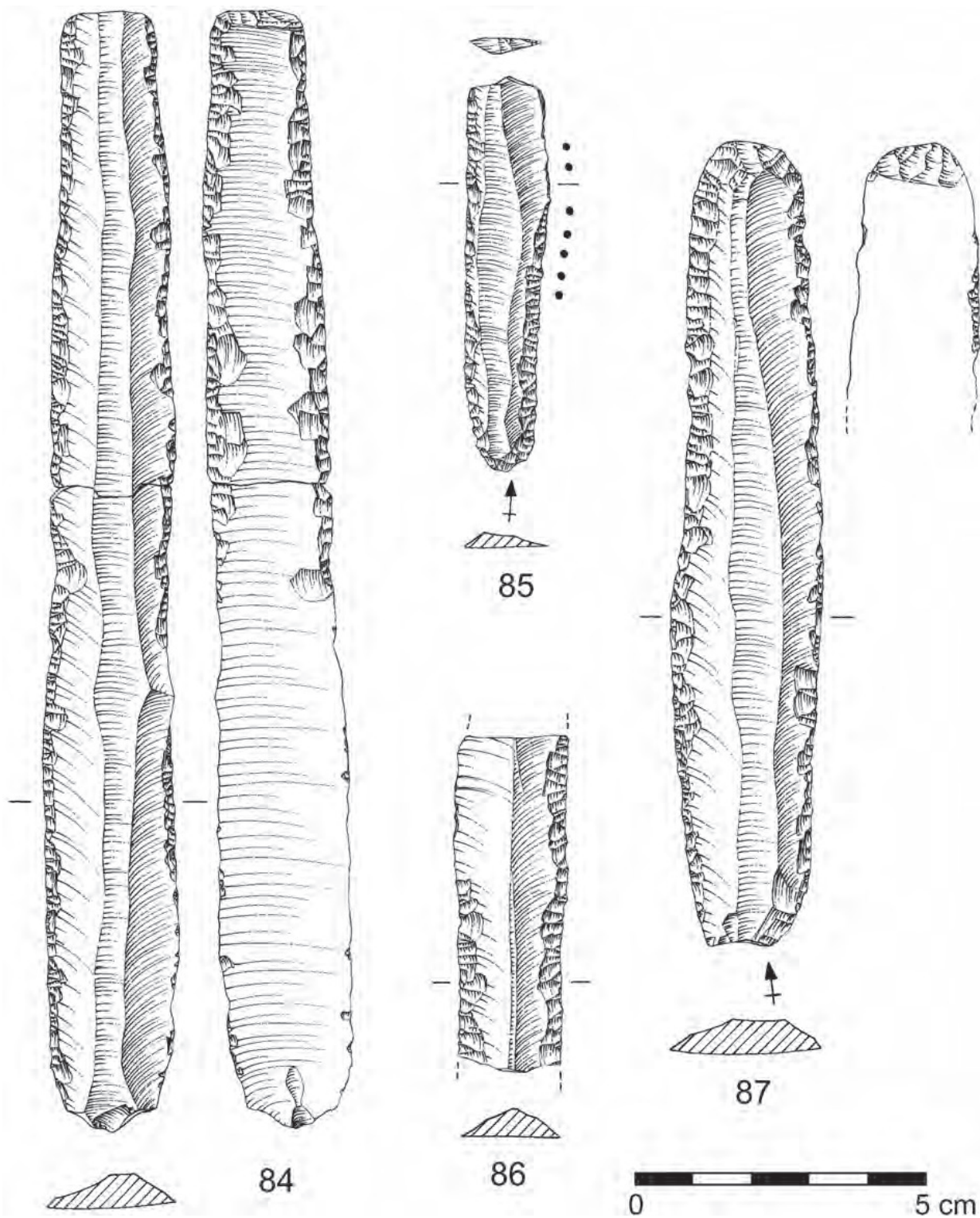


Fig. 19 - Anta das Pedras da Granja. Lâminas. Desenhos de F. Martins.

autores (CARVALHO, 2009; SOUSA, 2010). De facto, estes últimos, situaram a separação entre lamelas e pequenas lâminas das lâminas, com base na largura, respectivamente, inferior e superior a 12 mm.

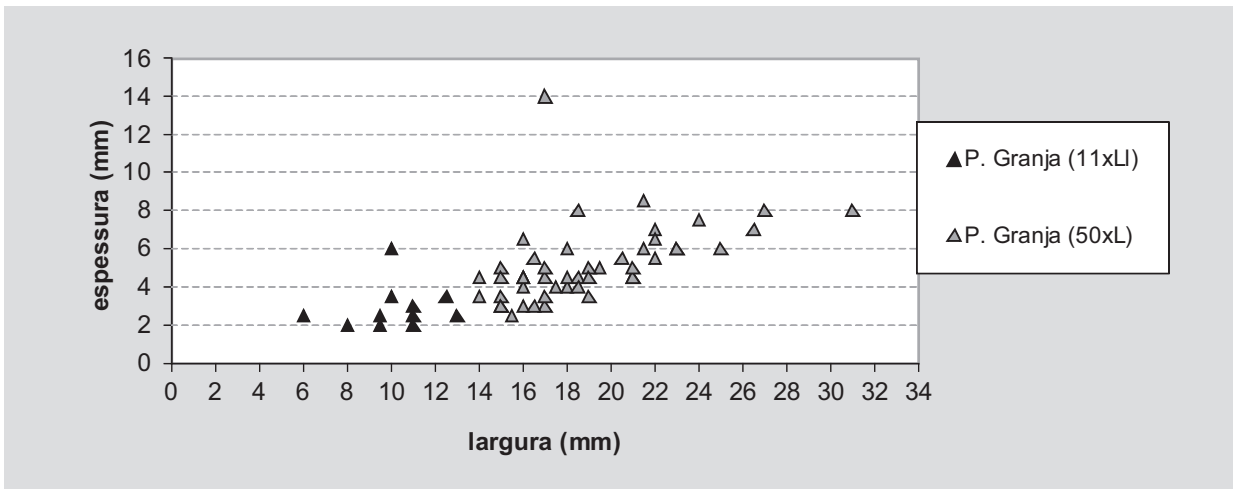


Fig. 20 – Espessura e largura dos produtos alongados recolhidos na anta de Pedras da Granja (LI – lamelas; L – lâminas) (adaptado de BOAVENTURA, 2009).

Só 7 lâminas se apresentam completas, algumas atingindo dimensões que as aproximam da classificação de grandes lâminas (GIBAJA *et al.*, 2009), nomeadamente as peças 300+21 e 330 (Fig. 10, 11, 19, n.º 84 e 87). Estas apresentam, respectivamente, comprimentos e larguras de 189 x 23 mm e 137 x 27 mm. A sistematização da informação conhecida para outras antas da região realça estes dois exemplares, pois o conjunto relativamente limitado de lâminas inteiras possui em geral dimensões máximas abaixo dos 120 mm (BOAVENTURA, 2009). Outra característica importante a salientar para um destes exemplares (PG 300+21), o maior dos identificados nas antas da região de Lisboa, é ter sido confeccionado em jaspe vermelho, de possível origem alentejana (Fig. 11), que poderá ter sido também a região de onde proveio a ponta de seta com base côncava de xisto silicioso acinzentado. Trata-se, pois, de uma peça de carácter excepcional, cuja importância no contexto funerário que integrou deve ser devidamente sublinhada.

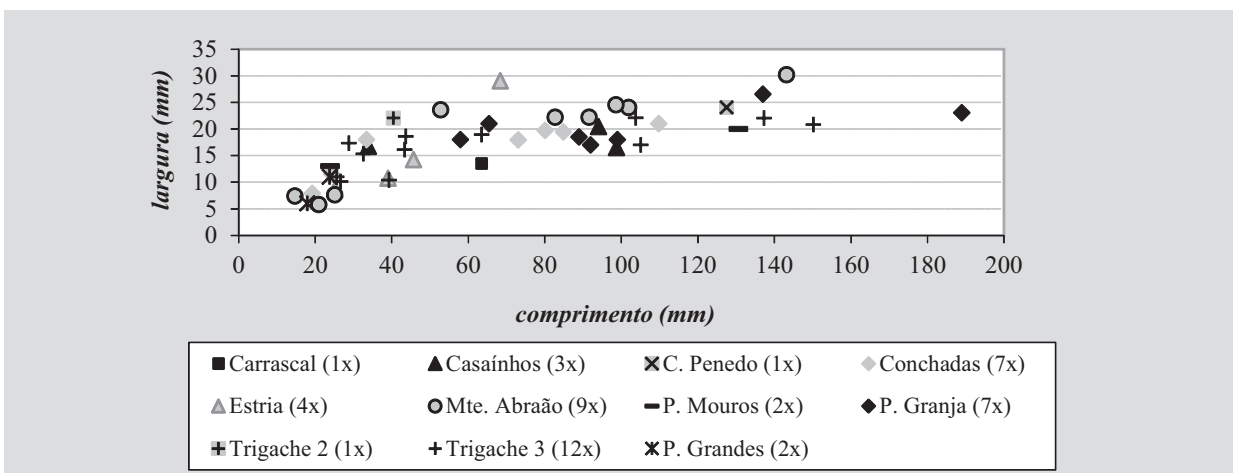


Fig. 21 – Largura e comprimento dos produtos alongados inteiros recolhidos nas antas da região de Lisboa (adaptado de BOAVENTURA, 2009).



Com base nos critérios de largura e espessura dos produtos alongados por anta, ensaiou-se noutra local uma tentativa de avaliação do significado crono-cultural das suas dimensões (BOAVENTURA, 2009). Assim, nos sepulcros a que se atribuiu uma cronologia mais recuada, por exemplo, as antas de Carrascal (Sintra) e das Pedras Grandes (Odivelas), pareceu notar-se uma tendência para a existência de peças mais delgadas, sobretudo inclusas no grupo de lamelas, mas também de lâminas com largura até cerca de 16 mm e espessura raramente ultrapassando os 5 mm (no caso de Pedras Grandes, o comprimento de duas lamelas quedava-se pelos 20 e 24 mm). No entanto, nas antas em que a cronologia de utilização conhecida se prolongava pelo 3.º milénio a.C., além das peças com espessamentos delgados, registaram-se também lâminas mais largas e espessas, o que poderá apontar para uma incidência de carácter crono-tipológico. Aliás, situação aproximadamente similar era já apontada por G. e V. Leisner (LEISNER & LEISNER, 1951), aquando do estudo dos produtos alongados das antas de Reguengos de Monsaraz. Também, ainda que numa escala temporal mais ampla, essa tendência para o aumento das dimensões dos produtos alongados foi realçada por A. F. Carvalho (CARVALHO, 1998) desde contextos mesolíticos, neolíticos (antigos, médios e finais) e calcolíticos, do Centro e Sul do actual território português, associada, nos períodos finais, ao aparecimento de peças com retoque bifacial, como as pontas de seta, lâminas bifaciais de contorno elipsoidal e “alabardas”.

Deste modo, embora não seja ainda possível uma destrição segura dos materiais alongados depositados na anta de Pedras da Granja, o significado cronológico mencionado atrás poderá revelar-se válido para este conjunto, sobretudo se recordarmos os recentes estudos das grutas-necrópole, com cronologias da primeira metade do IV milénio a.C., de Lugar do Canto (CARDOSO & CARVALHO, 2008) e Algar do Bom Santo (CARVALHO, 2009) que parecem registar essencialmente a presença de produtos alongados mais delgados e estreitos.

## 6 - DISCUSSÃO

Perante os dados disponíveis nesta anta, é possível vislumbrar uma utilização inicial algures entre os dois últimos quartéis do IV milénio a. C., justificada pelos geométricos, pequenas lâminas e núcleos de lamelas. A presença significativa de instrumentos de pedra polida e recipientes cerâmicos parece denunciar uma clara intensificação do uso deste sepulcro na passagem do milénio, marcada, provavelmente já no III milénio a.C., pela deposição de ídolos-placa. Algumas das lâminas espessas, largas e retocadas, e as pontas de seta, sobretudo as de base convexa poderiam relacionar-se ainda com esse período, mas também são integráveis já no III milénio. Aliás, as pontas com base côncava poderão corresponder também a esse momento, sendo menos frequentes nos séculos anteriores.

A presença de um ídolo em calcário, ainda que solitário, é enquadrável na primeira metade do 3.º milénio a.C., especialmente no seu segundo quartel, e poderia ser interpretada como uma diminuição da utilização do sepulcro. Contudo, esse uso comprova-se pela datação radiocarbónica Beta-225171 (4050±40), que corresponde ao intervalo calibrado para 2 *sigma* de 2860-2470 cal BC (com 86,2% de probabilidade, o intervalo restringe-se a 2700-2470 cal BC, in BOAVENTURA, 2009, Anexo 3, Quadro 2). Esta data foi obtida sobre uma mandíbula de indivíduo humano adulto (MASMO-PG-V2, correspondendo a um dos elementos da “inumação” H-45), no designado “*niveau moyen*”.

A presença de cerâmicas campaniformes de estilo internacional e impresso, parece assinalar um momento de meados / terceiro quartel do 3º milénio a.C., mas que não se terá estendido até o final deste. Isto se for considerado significativo, numa perspectiva crono-cultural, a ausência do estilo inciso.

## 7 – CONCLUSÕES

A realocação dos produtos alongados da anta de Pedras da Granja permitiu a sua revisão e reavaliar as suas dimensões e matéria-prima.

Apesar de não ser possível destrinçar os elementos depositados inicialmente dos mais tardios, é possível verificar, com os paralelos existentes de outros sítios estremenhos, que as deposições realizadas naquela anta foram acompanhadas por produtos alongados que se coadunam com momentos do IV e III milénios a. C. Esta leitura crono-tipológica parece coadunar-se também com os outros artefactos lascados mencionados, bem como com os restantes espólios referidos. Importa sublinhar a presença de lâminas de grandes dimensões, em particular a maior de todas, exemplar excepcional de jaspe vermelho de origem provável baixo-alentejana, realçando os contactos interregionais que existiriam entre os povoadores de ambas as regiões, aliás ilustrada por outros artefactos presentes, como a ponta de seta de xisto de base côncava, as placas de xisto e as contas de pedra verde, estas com provável origem nas minas da bacia média do Guadiana, em território espanhol.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOAVENTURA, R. (2009) – *As antas e o Megalitismo da região de Lisboa*. Tese de Doutoramento em Pré-História. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 2 vol.
- CARVALHO, A. F. (1998) – O talhe da pedra e a transição Neolítico – Calcolítico no Centro e Sul de Portugal: tecnologia e aspectos da organização da produção. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. Lisboa. 3-4, p. 41-60.
- CARVALHO, A. F. (2009) – O final do Neolítico e as origens da produção laminar calcolítica na Estremadura portuguesa: Os dados da gruta-necrópole do Algar do Bom Santo (Alenquer, Lisboa). In GIBAJA BAO, J. F.; TERRADAS, X.; PALOMO, A. & CLOP, X. (eds.) – *Les grans fulles de sílex. Europa al final de la Prehistòria. Actes*. Barcelona: Museu d'Arqueologia de Catalunya, p. 75-81.
- CARDOSO, J. L. & CARVALHO, A. F. (2008) – A gruta do Lugar do Canto (Alcanede) e a sua importância no faseamento do Neolítico no território português. In CARDOSO, J. L. (coord.), Octávio da Veiga Ferreira: Homenagem ao homem, ao arqueólogo e ao professor. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 16, p. 269-300.
- CARDOSO, J. L.; SOARES, J. & SILVA, C. T. (1996) - A ocupação neolítica de Leceia (Oeiras). Materiais recolhidos em 1987 e 1988. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal, 6, p. 47-89.
- CUNHA, E. & SILVA, A. M. (2000) – *Relatório antropológico do material osteológico exumado da anta da Várzea (Sintra)*. Coimbra: Laboratório de Paleodemografia e Paleopatologia do Departamento de Antropologia da Universidade de Coimbra. Policopiado. Acessível no Museu Municipal de São Miguel de Odrinhas.
- FERREIRA, O. da Veiga (1959) – Inventário dos monumentos megalíticos dos arredores de Lisboa. *Actas e Memórias do 1º Congresso Nacional de Arqueologia, Lisboa, 15 a 20 Dezembro de 1958*. Lisboa. 1, p. 215-233.
- GIBAJA BAO, J. F.; TERRADAS, X.; PALOMO, A. & CLOP, X. (2009, eds.) – *Les grans fulles de sílex. Europa al final de la Prehistòria. Actes*. Barcelona: Museu d'Arqueologia de Catalunya.
- LEISNER, G. & LEISNER, V. (1951) – *Antas do concelho de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: Instituto para a Alta Cultura. 2ª edição. Reprodução do original de 1951. UNIARCH.

- RAMALHO, M.; PAIS, J.; REY, J.; BERTHOU, P. Y.; ALVES, C. A. M.; PALÁCIOS, T.; LEAL, N. & KULLBERG, M. C. (1993) – *Carta geológica de Portugal na escala de 1/50.000 – 34-A: Notícia explicativa da folha 34-A Sintra*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
- SERVIÇOS GEOLÓGICOS DE PORTUGAL (1991) – *Carta Geológica de Portugal, na escala de 1/50 000. Folha 34-A Sintra*.
- SERRÃO, E. C. (1982-1983) – As jazidas arqueológicas de Catravana e o dolmen de «Pedra Erguida». *Sintria*. Sintra: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, 1-2, p. 11-28.
- SOUSA, A. C. (2010) – *O Penedo do Lexim e a sequência do Neolítico final e Calcolítico da Península de Lisboa*. Doutoramento em Pré-História. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. PDF.
- ZBYSZWESKI, G.; FERREIRA, O. da V.; LEITÃO, M.; NORTH, C. T. & NORTON, J. (1977) – Le monument de “Pedras da Granja” ou de “Pedras Altas” dans la “Várzea de Sintra”. *Ciências da Terra*. Lisboa. 3, p. 197-239.